

A obrigação explica o desenvolvimento: clubes cariocas e o futebol feminino em 2019¹²

Camila Augusta PEREIRA³

Luíza Sá Barbosa GARBOGGIN⁴

Faculdades Integradas Hélio Alonso, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

O objetivo do artigo é apresentar o cenário do futebol feminino no Brasil em 2019, quando a Conmebol e CBF instituíram que os clubes de futebol nacionais formassem equipes compostas por mulheres para que pudessem participar dos torneios oficiais masculinos das entidades. E também relatar como os times cariocas se adequaram às exigências e formaram suas equipes femininas naquele ano. Nesse sentido, o trabalho faz breve abordagem histórica sobre a prática da modalidade por mulheres no Brasil, demonstrando o papel da imprensa em dar visibilidade a prática feminina do esporte. Após análise, compreende-se que a falta de investimento explica a obrigação para que a modalidade se desenvolva.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol Feminino; Imprensa, Lance, Clubes Cariocas.

INTRODUÇÃO

“Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”⁵. A frase é do artigo 54 do Decreto-lei 3199, de abril de 1941, durante o período em que Getúlio Vargas governava o país. Os reflexos dessa medida são vistos até os dias atuais. Mesmo quarenta anos depois da permissão, o que se viu foi pouco movimento dos principais clubes do país para o desenvolvimento do futebol feminino.

A partir de 2019, na tentativa de incentivar a modalidade, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e a Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol) obrigaram os clubes a formarem um departamento feminino nos times nacionais. O futebol feminino é um campo com diversas possibilidades de investigação e exposição do tema. Como uma modalidade que por anos foi proibida no Brasil, as mulheres ainda buscam espaço para a prática da modalidade. O objetivo deste artigo é mostrar um breve

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² O artigo é parte do trabalho de conclusão de curso desenvolvido por Luíza Garboggini e orientado por Camila Augusta Pereira, em 2019.

³ Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação Social UERJ e professora das Faculdades Integradas Hélio Alonso - FACHA, e-mail: camila.augusta@yahoo.com.br

⁴ Pesquisadora graduada em jornalismo nas Faculdades Integradas Hélio Alonso – FACHA, e-mail: luizasabg@gmail.com

⁵ Disponível em <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 06 jun. 2019.

contexto sobre as mulheres na prática desse esporte e fazer um paralelo sobre o motivo pelo qual em 2019 entidades que regem o futebol brasileiro e sul-americano precisaram implantar medidas para obrigar as equipes a formarem um time feminino.

A pesquisa apresenta brevemente a inserção do futebol feminino no Brasil, elucidando a dificuldade e o papel da imprensa no processo. Neste ponto, aborda-se também a teoria do agendamento de notícias, que pode esclarecer motivo pelo qual os veículos divulgavam tão pouco o futebol feminino. Por fim, demonstra-se o cenário do futebol feminino em 2019 no Brasil e como foi o início do primeiro ano de obrigação da formação dos times nos clubes cariocas: Botafogo, Flamengo, Fluminense e Vasco.

Cabe destacar que os dados aqui apresentados foram coletados da imprensa digital e a partir da experiência de uma das autoras com a cobertura carioca, via jornal Lance!, no processo de implantação das equipes de futebol feminino nos clubes do Rio de Janeiro.

BREVE RELATO HISTÓRICO DO FUTEBOL FEMININO NO BRASIL

Ao final do livro “La era del fútbol” (2005), o argentino Juan José Sebreli, um crítico assíduo do esporte, observa que “nenhuma das grandes ideologias universais - o cristianismo, islamismo ou socialismo (...) puderam abarcar unanimemente sociedades, culturas, continentes, raças e sistemas políticos tão diversos como o futebol”. Além da paixão envolvida, o futebol também é tema de reflexões sobre os conflitos raciais, religiosos, políticos, entre outros.

Não muito distante, seria esse o contexto de debate sobre a busca pelo lugar da mulher dentro do futebol. No Brasil, a história de desigualdades e falta de espaço refletem ainda no investimento praticamente inexistente na modalidade quando praticada por mulheres.

As décadas iniciais do século XX promoveram a difusão dos esportes nas capitais do Rio de Janeiro e São Paulo, incluindo o futebol. Essas locais passavam por processo de urbanização e significativo desenvolvimento. Aira Bonfim (2019) aponta em seu trabalho uma primeira partida de futebol feminino realizada entre as mulheres ainda em 1913, entre os times dos bairros paulistas Cantareira e Tremembé. Também marcaram esse período inicial a participação das mulheres como torcedoras dos estádios brasileiros, quando as “moças mais finas da sociedade” se familiarizavam com o esporte e experimentavam os primeiros *shoots* a gol.

Outras referências ao futebol feminino apontam o surgimento da modalidade nos

anos 1920⁶, com registros no Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Norte. Na época, tratado como uma performance alegórica, alguns relatos colocam o esporte no circo, como uma das primeiras citações das palavras “futebol feminino”. É possível observar que há uma regularidade de fontes históricas que destacam a mulher no futebol ocupando o papel de jogadoras-atrizes, enquanto participantes dessa arte cênica circense nos circos e teatros. (BONFIM, 2019).

Na contramão do sucesso masculino no esporte, as mulheres foram proibidas de praticar o futebol em 1941, no governo Getúlio Vargas. O decreto 3.199 proibia às mulheres a prática de esportes considerados incompatíveis com as condições femininas. O futebol estava entre eles, ao lado de halterofilismo, beisebol e de lutas de qualquer natureza”⁷. Em 1965, já no governo militar, o decreto-lei foi novamente publicado. Desta vez, a deliberação cita especificamente a modalidade. Apenas em 1979 esse decreto teve um fim e só sete anos depois a Seleção Brasileira feminina entrava em campo pela primeira vez, em 1986, contra os Estados Unidos. A regulamentação da modalidade acontece em 1983.

O futebol institucionalizado iniciou-se em meados da década de 1980. Salles, Silva e Costa, (1996, p.81) afirmam que a primeira liga de futebol feminino foi formada em 1981, no Rio de Janeiro. Os autores advogam que “havia então uma ordem implícita inibidora da presença da mulher neste espaço, ditando códigos excludentes para o sexo feminino” (1996, p.80). O Esporte Clube Radar (E.C.R.) foi o pioneiro na modalidade no país e teve uma trajetória de conquistas nacionais e internacionais.⁸

Em 1985, no Campeonato Estadual de Futebol Feminino (Ferj), o Radar/BRJ tornou-se tricampeão carioca invicto, vencendo o 1º turno (Taça Guanabara) e o 2º turno (Taça Rio de Janeiro). Em 1986, a III Taça Brasil de Futebol Feminino realizada no Rio de Janeiro, o Radar foi tricampeão brasileiro invicto. A convite das federações de futebol da

⁶ GLOBOESPORTE. A história do futebol feminino no brasil. Disponível em: <https://interativos.globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/especial/historia-do-futebol-feminino?utm_source=twitter&utm_medium=social&utm_content=esporte&utm_campaign=globoesportecom>. Acesso em: 06 jun. 2019.

⁷ FOLHA DE SÃO PAULO. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u60234.shtml#:~:text=O%20Estado%20Novo%20criou%20o,incompat%C3%ADveis%20com%20as%20condi%C3%A7%C3%B5es%20femininas.&text=S%C3%B3%2016%20anos%20depois%20foi,era%20um%20esporte%20eminentemente%20masculino> Acesso em: 06 jun. 2019.

⁸ GLOBOESPORTE. A história do futebol feminino no brasil. Disponível em: <https://interativos.globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/especial/historia-do-futebol-feminino?utm_source=twitter&utm_medium=social&utm_content=esporte&utm_campaign=globoesportecom>. Acesso em: 06 jun. 2019.

Itália e da Alemanha, o Radar fez uma excursão à Europa para disputar três torneios e vários jogos amistosos. A equipe conquistou em 1986 o Mundialito de futebol na Itália e voltou à Europa em setembro e recebeu 24 mil dólares pelas doze partidas na Alemanha, Suíça e na própria Itália. O Radar também jogou na China, Japão, Caribe e Estados Unidos. A equipe do E.C.R voltou valorizada e, de 1982 a 1986, realizou 44 jogos, em três continentes, com 39 vitórias, 2 empates e apenas 3 derrotas.

Em 1988, o Radar começou um processo de decadência e, junto, o futebol feminino também decaiu. Em janeiro de 1991, os dirigentes brasileiros foram obrigados a correrem atrás do prejuízo para formar uma seleção na disputa da Copa do Mundo, em sua primeira edição, na China⁹. Em 1996, na entrada do esporte nos Jogos Olímpicos, o Brasil alcançou o quarto lugar em Atlanta.

Ainda sem incentivo no Brasil, as mulheres sofrem com a falta de espaço e qualidade para jogar. Jogadora com mais destaque na história brasileira, Marta foi eleita a melhor do mundo pela primeira vez em 2006 e, na época, já estava jogando no futebol sueco. Naquele momento não havia uma competição nacional para as mulheres no Brasil e a Copa do Brasil feminina começou apenas no ano seguinte. O Campeonato Brasileiro Feminino teve sua primeira edição em 2013. A Copa saiu de cena em 2017 para iniciar o Brasileirão no modelo atual: duas divisões, com 16 clubes cada, como detalha o site oficial da CBF¹⁰. Cabe destacar ainda que Marta foi eleita por seis vezes a melhor jogadora do mundo pela FIFA, conquistando seu último título em 2018.

O PAPEL DA IMPRENSA: RECORTE 2019

O jornalismo tem um papel fundamental na história do futebol no Brasil. Nos primeiros anos do século XX, o esporte ainda disputava por espaço com outras modalidades e se popularizou quando abandonou as raízes elitistas e envolveu as camadas mais populares da sociedade nas partidas. Como se sabe, cronistas como Mario Filho e Nelson Rodrigues foram de grande importância na consolidação do jornalismo esportivo como um segmento relevante na imprensa nacional.¹¹

⁹ O CURIOSO DO FUTEBOL. *Ec radar - um pioneiro no futebol feminino brasileiro*. Disponível em: <<http://www.ocuriosodofutebol.com.br/2016/02/ec-radar-um-pioneiro-no-futebol.html>>. Acesso em: 26 fev. 2016.

¹⁰ Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/noticias/copa-brasil-feminino>>..Acesso em 06 de jun. de 2019.

¹¹ Nesse sentido, consultar: XXXX

Uma das críticas feitas por jogadoras e fãs de futebol feminino diz respeito à pouca cobertura da mídia sobre o assunto. Normalmente, a justificativa para tal é de que a modalidade não dá retorno financeiro ou de audiência. No entanto, isso vai de encontro à teoria do agendamento de notícias, que propõe que as notícias "são como são porque os veículos de comunicação nos dizem em que pensar, como pensar e o que pensar sobre os fatos noticiados".¹² E, por muitos anos, a comunicação esportiva ajudou a disseminar o pensamento de que futebol não é para mulheres.

O futebol feminino raramente está nos jornais, televisões e outros meios. Essa frequência, inclusive, passa a aumentar a partir de 2019, quando o departamento da modalidade se torna obrigatório aos clubes da primeira divisão nacional, como abordado, e devido à realização da Copa do Mundo de Futebol Feminino. Se os consumidores tendem a dar mais valor ao que sai na mídia, a cultura machista do futebol demorou muitos anos para ser combatida.

A frase "elas batem um bolão", com clara dupla conotação, foi, e ainda é, uma das mais utilizadas para se referir a mulheres jogando futebol. Em 1995, a "Revista Placar", uma das publicações mais tradicionais no meio esportivo, utiliza esse trocadilho na capa, que ainda leva uma foto altamente sexualizada. E não era jogadoras, mas modelos. Em outras oportunidades, a revista voltou a utilizar a imagem da mulher de forma a "agradar" apenas o público masculino¹³.

A Rede Bandeirantes foi decisiva no fortalecimento do futebol feminino no Brasil. Em meados da década de 1980, a televisão passou a exibir os jogos da modalidade. A emissora dedicava uma boa parte de sua grade ao esporte naquele momento da história e, por não ter os direitos de transmissão de uma parte dos jogos masculinos, abriu as portas para as mulheres.

Em 1991, às vésperas da primeira edição da Copa do Mundo feminina organizada pela Fifa, uma reportagem do programa "Esporte Espetacular", da Rede Globo, levou humoristas do Casseta e Planeta para a concentração da Seleção Brasileira. Nesta matéria, muitas piadas sexistas foram feitas.¹⁴

¹² TEORIA DO JORNALISMO. Teoria do Agendamento (agenda-setting). Disponível em: <http://teoriadojornalismouniube.blogspot.com/2010/11/teoria-do-agendamento-agenda-setting.html>. Acesso em: 24 mai. 2019.

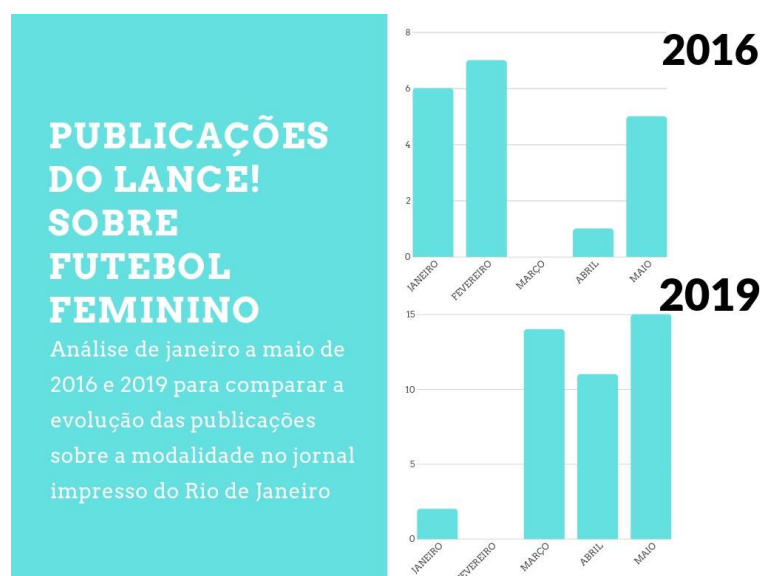
¹³ DIBRADORAS. Disponível em: <<https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2019/05/22/o-futebol-feminino-ja-foi-visto-assim-o-que-diriam-dessas-imagens-hoje/>>. Acesso em: 22 mai. 2019.

¹⁴ DIBRADORAS. Disponível em: <<https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2019/05/22/o-futebol-feminino-ja-foi-visto-assim-o-que-diriam-dessas-imagens-hoje/>>. Acesso em: 22 mai. 2019.

Os momentos em que as notícias sobre futebol feminino mais ganham destaque são em anos de Jogos Olímpicos e Copa do Mundo feminina, principalmente no âmbito de Seleção Brasileira. Considerando a edição de 2016 da Olimpíada, a pesquisa para este artigo visa determinar o volume das publicações no Jornal LANCE! que feita a partir daquele ano. Depois da obrigação de manter uma equipe feminina entrar em vigor em 2019, foi possível observar um crescimento importante no interesse da mídia em esclarecer o porquê da exigência e como os clubes nacionais estavam se organizando.

Para compreender as mudanças na mídia nos últimos anos com relação ao futebol feminino, faz-se uma demonstração sobre como a imprensa pode mobilizar a opinião pública sobre o tema. A pesquisa para o artigo utilizou dados do Jornal LANCE!, do Rio de Janeiro, já que a análise aqui proposta busca compreender como se deu a obrigação da CBF nos clubes cariocas. Os dados foram coletados a partir de PDFs obtidos na redação e analisados um por um para determinar o volume de publicações. O estudo desses dados foi de janeiro a maio de 2016, 2017, 2018 e 2019. O período escolhido foi para mostrar como o futebol feminino é mais destacado em anos de Jogos Olímpicos e Copa do Mundo, somando-se ainda ao período em que a obrigação passou a valer.

Figura 1 – Comparação de publicações do LANCE! sobre futebol feminino 2016 e 2019



Fonte: GARBOGGINI (2019)

Se considerar o "agenda-setting", quando a mídia tem a capacidade de dar relevância a um tema, promover o debate e a visibilidade, é notório que poucas vezes se julgava que o futebol feminino tivesse essa importância nas editorias esportivas.

A DETERMINAÇÃO DA CONMEBOL

Na tentativa de se engajar nas tendências contemporâneas de maior inclusão e igualdade, além de se adequar às mudanças do mundo, a Conmebol decidiu que era hora de tentar fortalecer o futebol feminino. Não só o cenário nos clubes mostrava a importância da ação, mas o rendimento das seleções.

Em 2016, a Fifa publicou um documento falando sobre sua visão do futebol nos próximos dez anos. Nele, o incentivo ao futebol feminino ganhou muita importância. Entre os objetivos, estabelecer competições ao redor do mundo, assegurar o desenvolvimento local da modalidade, criar um programa de marketing e aumentar o número de mulheres nas entidades¹⁵.

Por isso, a Conmebol¹⁶ passou a exigir que os clubes que vão disputar suas competições masculinas tenham o investimento no departamento feminino e, consequentemente, em torneios da modalidade. A entidade exige equipe feminina (ou se associar a um clube que tenha); pelo menos uma categoria juvenil feminina (ou se associar a clube que tenha); suporte técnico, equipamento e infraestrutura com campo para treinamento e jogos; participar de competições nacionais e/ou regionais da CBF ou Federações estaduais.

A CBF também tornou a medida obrigatória para os clubes da Série A, pedindo uma equipe feminina disputando competições nacionais ou estaduais em 2018 ou 2019 (ou se associar a clube que tenha) e estrutura à disposição do time feminino, com equipe técnica e médica dedicadas, instalações para treinamento, campo para jogos, e eventuais contratos de patrocínio. O Programa de Modernização da Gestão e de Responsabilidade Fiscal do Futebol Brasileiro (Profut) prevê “apoio mínimo” ao futebol feminino.

Como prova da resistência que ainda existe, a determinação não refletiu bem alguns clubes. Em dezembro de 2018, Gabriel Camargo, presidente do Tolima, equipe da Colômbia, declarou que “o futebol feminino é um tremendo terreno fértil para o lesbianismo”¹⁷. Camargo se referiu ao Atlético Huila, que venceu a Libertadores de 2018

¹⁵ UOL. *Será que agora vai?*. Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/reportagens-especiais/cbf-e-conmebol-obrigam-clubes-a-ter-times-femininos-sera-que-agora-vai/index.htm#a-hora-do-futebol-feminino>>. Acesso em: 22 nov. 2018.

¹⁶ CONMEBOL. Site oficial. Disponível em: <<http://www.conmebol.com/pt-br/futebol-feminino>>. Acesso em: 05 maio. 2019.

¹⁷ REVISTA FÓRUM. Presidente do tolima diz que “futebol feminino é um tremendo terreno fértil para o lesbianismo”. Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/presidente-do-tolima-diz-que-futebol-feminino-e-um-tremendo-terreno-fertil-para-o-lesbianismo/>>. Acesso em: 23 dez. 2018.

em confronto contra o Santos, realizado em Manaus. No momento do título, Yoreli Rincón afirmou que a premiação conquistada por elas dada pela Conmebol - US\$ 55 mil - acabaria sendo destinada ao time masculino do clube colombiano¹⁸. No dia 6 de dezembro de 2018, um dia depois da conquista, Rincón comunicou ao blog “Dona do Campinho”, do Globo Esporte, que os dirigentes garantiram que o dinheiro seria aplicado nas mulheres.

Como mostra o site oficial da Conmebol¹⁹, a Copa Libertadores da América de Futebol Feminino completou 10 edições em 2018. Cada país associado à entidade teria direito, a uma vaga, dada às campeãs do campeonato nacional. Além disso, o detentor do título e um convidado do país-sede também disputariam o torneio. Antes do início da disputa em 2019, o Brasil era o país com mais títulos (7), Santos, duas vezes, São José, três vezes, Ferroviária e Audax/Corinthians, uma vez cada, já foram campeões.

CENÁRIO DO FUTEBOL FEMININO EM 2019

O ex-presidente da Fifa Joseph Blatter, em janeiro de 2013, acreditava que “as mulheres eram o futuro do futebol”. Em fala, durante a II Conferência Futebol Feminino e Liderança, o então presidente da entidade, Gianni Infantino, assumiu o futebol feminino como prioritário: “O futebol feminino e a mulher no futebol são uma prioridade, são parte da solução para o futuro deste desporto”.²⁰ Assim, entende-se que ambiente não é apenas esportivo, mas sociocultural, o futebol representa também o andamento da sociedade no país. Os valores do esporte estabelecem uma série de “restrições” não só para mulheres, mas para negros e homossexuais, refletindo aspectos da formação social do Brasil.

O pensamento comum, quando não compactua com a ideia de que mulheres não podem ocupar esse espaço, contribui para sexualizar e diminuir a capacidade feminina no futebol, reduzindo sua participação a dar prazer e entreter os desejos masculinos. No Campeonato Paulista Feminino de 2001, segundo reportagem do jornal Folha de S. Paulo de 16/09/2001 (p.D5), um dos pontos do projeto elaborado pela Federação Paulista de

¹⁸ GLOBOESPORTE. Jogadora do Atlético Huila denuncia que prêmio pelo título da Libertadores feminina irá ao time masculino. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/blogs/dona-do-campinho/post/2018/12/05/jogadora-do-atletico-huila-denuncia-que-premio-pelo-titulo-da-libertadores-feminina-ira-ao-time-masculino.ghtml>>. Acesso em: 05 dez. 2018.

¹⁹ CONMEBOL. Site oficial. Disponível em: <<http://www.conmebol.com/pt-br/futebol-feminino>>. Acesso em: 05 maio. 2019.

²⁰ LUDOPÉDIO. *De blatter a infantini: novas perspectivas para o futebol feminino*. Disponível em: <<https://www.ludopedio.com.br/arquivancada/de-blatter-a-infantini-novas-perspectivas-para-o-futebol-feminino/>>. Acesso em: 01 abr. 2016.

Futebol e pela empresa Pelé Sports & Marketing para o torneio condicionava seu sucesso a “ações que enalteçam a beleza e a sensualidade da jogadora para atrair o público masculino”. A Federação Paulista de Futebol (FPF) fez, inclusive, um "draft" com mais de 200 atletas para dividi-las entre os times participantes. Um dos critérios era a beleza. O próprio Eduardo José Farah, presidente da FPF na época, admitiu à Folha de S. Paulo²¹: “Temos que mostrar uma nova roupagem no futebol feminino, que está reprimido por causa do machismo. Temos que tentar unir a imagem do futebol à feminilidade. Vamos ter um campeonato tecnicamente bom e bonito”.

À medida que os anos foram passando, as entidades que regem o futebol brasileiro enfrentaram dificuldades e desafios para encontrar as formas de investir e divulgar o futebol feminino. Isso se deu tanto pelo preconceito ainda presente entre dirigentes, quanto pela falta de conhecimento para as ações. A manutenção de um time de futebol feminino adulto e na base está entre as medidas exigidas pelo Licenciamento de Clubes²², que serve para estruturar e regularizar a gestão dos clubes no país. A medida foi aprovada no fim de 2016 e deu aos clubes dois anos para se adequar às regras. O estatuto da Fifa também inclui artigos que falam sobre a igualdade de gênero (ALMEIDA, 2019).

De acordo com a CBF, os clubes que não cumprissem, em 2019, as regras estabelecidas estariam sujeitos a serem eliminados das competições que exigem a licença. São eles a Série A do Campeonato Brasileiro, Copa Sul-Americana e Libertadores. A entidade previa antes da exclusão da equipe que não se adequasse, uma orientação para que as medidas fossem cumpridas. A previsão é que as Séries B, C e D precisariam atender às exigências de forma gradativa, ou seja, em 2020, 2021 e 2022, respectivamente.

Apenas sete clubes participantes do campeonato nacional iniciaram 2019 com o departamento de futebol feminino já estruturado. Eram eles Ceará, Corinthians, Flamengo, Grêmio, Internacional, Santos e Vasco. No dia 26 de fevereiro, após a divulgação da tabela das Séries A1 e A2, apenas CSA, Fortaleza e Goiás, disputariam somente o campeonato estadual feminino neste ano²³.

²¹ UOL. Sensualidade e beleza eram prioridades no regulamento do Paulistão feminino Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2017/09/24/sensualidade-e-beleza-eram-prioridades-no-regulamento-do-paulistao-feminino.html>>. Acesso em: 24 set. 2017.

²² GLOBOESPORTE. *Blog tabelando com a lei*. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/blogs/e-special-blog/tabelando-com-a-lei/post/licenciamento-de-clubes-no-brasil-recomeco-ou-fim-1.html>>. Acesso em: 21 set. 2017.

²³ EL PAÍS. Da proibição à obrigação, o futebol feminino desafia os clubes brasileiros em 2019. Disponível em:

De acordo com levantamento das autoras a fim de compreender o cenário do futebol feminino carioca e com informações recolhidas dos sites dos clubes, no Rio de Janeiro, o Club de Regatas Vasco da Gama tem um projeto próprio, de base e adulto, assim como o Botafogo de Futebol e Regatas, que montou sua equipe às vésperas do início do Brasileiro em 2019 com recursos próprios e um investimento de R\$ 25 mil. O Clube de Regatas do Flamengo tem, desde 2011 uma parceria com a Marinha do Brasil. O clube compôs com os próprios recursos um time sub-18, pois, assim como os outros cariocas, teria direito a uma vaga no Brasileiro da categoria. O Fluminense Football Club assinou um acordo com o projeto *Daminhas da Bola*, de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense. Neste caso, a parceria atende também a base, com equipes sub-11, sub-13 e sub-15 no futsal e sub-15 e sub-17 de futebol de campo.

O cenário em São Paulo se desenvolveu como um dos mais animadores do país. Sport Club Corinthians Paulista e Santos Futebol Clube contam com equipes de ponta e de gestão própria. O primeiro criou em 2019 uma equipe sub-17 e tinha uma parceria com o Audax até o início de 2018, seguindo com as próprias pernas desde então. O segundo foi vice-campeão da Libertadores e funciona desde 2015. O sub-17 é feito em parceria com o colégio Santa Cruz e com a Universidade de São Paulo. O São Paulo Futebol Clube tem parceria com o Centro Olímpico, com times sub-17 e adulto. O clube, inclusive, contratou a veterana Cristiane, um dos principais nomes da modalidade. Apesar de ter montado o projeto apenas em 2019, o São Paulo se planeja desde 2017 com alojamento e centro de treinamento. A Sociedade Esportiva Palmeiras²⁴ montou a equipe às pressas, representando naquele ano time mais caro do país. Sob o comando da experiente treinadora Ana Lúcia Gonçalves, o projeto tem sede na cidade de Vinhedo²⁵.

Em Minas Gerais, o Clube Atlético Mineiro tem uma parceria com o Prointer Futebol Clube, firmada em 12 de dezembro de 2018. O time é único, até 21 anos. O Cruzeiro Esporte Clube foi um dos últimos a anunciar a equipe. Com um investimento de pouco mais de R\$ 1 milhão por ano, o clube formou uma equipe própria e primeiro focou no time

<https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/11/deportes/1555012178_170838.html?rel=mas>. Acesso em: 13 abr. 2019.

²⁴ GLOBOESPORTE. Montar time feminino é exigência para equipes da série a 2019; veja situação dos clubes. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/montar-time-feminino-e-exigencia-para-equipes-da-serie-a-2019-veja-situacao-dos-clubes.ghtml>>. Acesso em: 04 jan. 2019.

²⁵ LANCE!. Clubes correm para formar times e brasileiro feminino terá incertezas. Disponível em: <<https://www.lance.com.br/futebol-nacional/clubes-correm-para-formar-times-brasileiro-feminino-comeca-com-incertezas.html>>. Acesso em: 08 mar. 2019.

adulto para futuramente montar um sub-18. O Goiás Esporte Clube funciona em parceria com a Universidade Salgado Filho, com times adulto e de base.

No Nordeste, o Esporte Clube Bahia firmou parceria com o Lusaca, time feminino da cidade de Dias d'Ávila, e tem times sub-17, sub-20 e adulto. O Ceará Sporting Club tem vínculo com a Associação Menina Olímpica e também time de base e profissional. O Centro Sportivo Alagoano (CSA) montou a equipe adulta com gestão independente e estrutura uma escolinha, com o sub-15, sub-17 e sub-20. Até 2018, o time feminino era gerenciado por voluntários e as atletas jogavam recebendo pouco. O Fortaleza preferiu montar um projeto próprio, mesmo com propostas de parcerias, e jogou apenas o Estadual no primeiro ano de obrigatoriedade.

No Sul, o Club Athletico Paranaense firmou a parceria com o Foz Cataratas, que trabalhava com o Coritiba desde 2016. São equipes adultas e de base e o Foz é um dos times femininos com melhor rendimento dos últimos anos. O Avaí Futebol Clube também assinou um acordo com um projeto de sucesso, o Kindermann, tradicional equipe da categoria, tem 10 títulos do Campeonato Catarinense. O Grêmio tem gestão independente e times adultos, Sub -20, Sub-17 e Sub-15. O clube prometeu profissionalizar todas as jogadoras neste ano. É o mesmo caso do Sport Club Internacional, que também planeja um Centro de Treinamento junto ao alojamento. A Associação Chapecoense de Futebol montou primeiro a equipe de base, para depois estruturar seu time adulto. O clube tem parceria com a escola pública Associação Desportiva de Lourdes Lago há três anos.

No âmbito salarial, de acordo com o UOL²⁶, em reportagem publicada no dia 22 de novembro de 2018, os salários no Brasil tem uma média de R\$ 500 a R\$ 3 mil. O maior valor é de uma jogadora do Corinthians, que recebe R\$ 10 mil. O clube tem um alto investimento na modalidade. No mundo, 60% ganham até R\$ 2.270, 30% recebem de R\$ 2.270 a R\$ 7.565, 9% entre R\$ 7.565 e R\$ 30.265 e apenas 1% ganham mais do que isso.

OS DESAFIOS DE SE FAZER FUTEBOL FEMININO NO RIO DE JANEIRO

Na América do Sul, já é possível ver movimentos para a maior inserção do futebol feminino. Na Argentina, por exemplo, a Federação Argentina de Futebol (AFA), anunciou no dia 16 de março de 2019 a profissionalização da modalidade no país. Os clubes foram

²⁶ UOL. Será que agora vai?. Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/reportagens-especiais/cbf-e-comebol-obrigam-clubes-a-ter-times-femininos-sera-que-agora-vai/index.htm#a-hora-do-futebol-feminino>>. Acesso em: 22 nov. 2018

obrigados a terem ao menos oito jogadoras profissionais em seu grupo²⁷.

No Brasil, o movimento para mudanças no futebol feminino encontrou barreiras para ganhar mais visibilidade nos primeiros momentos de 2019, com a obrigação de Conmebol e CBF já valendo. O que fica mais evidente nos campeonatos pelo país é a falta de estrutura e o fato de muitas jogadoras não conseguirem viver de futebol, dificultando a presença em jogos e a dedicação integral à categoria. As condições da prática do futebol feminino no Brasil ainda são precárias. Como demonstrativo, faz-se análise sobre a forma como Botafogo, Flamengo, Fluminense e Vasco desenvolvem a modalidade em seus clubes.

O Botafogo só apresentou o projeto quando foi confirmado na tabela da Série A2 do Campeonato Brasileiro feminino. Isso porque até aquele momento, no dia 2 de março de 2019, o clube ainda não havia dado maiores informações sobre o departamento da modalidade²⁸.

Em entrevista ao Diário LANCE! no dia 9 do mesmo mês, vice-presidente executivo do clube, Luís Fernando Santos, mostrou que havia um convênio firmado com o Núcleo Esportivo Sulacap para jogadoras e comissão técnica, com o objetivo principal de utilizar o conhecimento que já havia de FF. O Botafogo tentou fechar uma parceria para ceder apenas o material esportivo, mas não conseguiu. O valor de investimento girou em torno de R\$ 25 mil para a primeira parte do campeonato. Para se ter ideia, o Cruzeiro, que também disputará a Série A2, mas tem um objetivo mais ambicioso, por exemplo, declarou que investirá pouco mais de R\$ 1 milhão por ano.

Ao invés de fazermos uma parceria para alguém formar o time para nós, vamos fazer como se fosse o masculino, um time nosso. Fizemos um convênio com eles porque eles já tem uma comissão formada e mais experiência no futebol feminino. (...) O Botafogo vai ceder uma ajuda de custo, como fazemos com os outros esportes amadores. É justo que o futebol feminino, como esporte amador ainda, receba algo semelhante²⁹.

Além da série A2 do Brasileiro, o Botafogo vai disputar o Campeonato Carioca Sub-18 em 2019. Todos os clubes cariocas ganharam uma vaga naquela edição. Isso,

²⁷ GLOBOESPORTE. Afa anuncia acordo para que o futebol feminino seja profissional na argentina. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/blogs/dona-do-campinho/post/2019/03/16/afa-anun-cia-acordo-para-que-o-futebol-feminino-seja-profissional-na-argentina.ghtml>>. Acesso em: 16 mar. 2019.

²⁸ Botafogo terá equipe feminina e vai disputar Série A-2 do Brasileirão. <<https://www.lance.com.br/botafogo/tera-equipe-feminina-vai-disputar-serie-brasileirao.html>>. Acesso em: 02 mar. 2019.

²⁹ Time Feminino: Botafogo terá projeto próprio e investimento de R\$ 25 mil. <<https://www.lance.com.br/botafogo/time-feminino-tera-projeto-proprio-investimento-mil.html>>. Acesso em 04 abr. 2019.

inclusive, fez com que o Flamengo precisasse correr atrás de seletivas para formar o time de base. O clube tem uma parceria com a Marinha do Brasil desde 2015 e cede material esportivo, supervisor e local para os jogos.

A estrutura de treinos é no Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes, da Marinha (CEFAN). Os salários são pagos pela Marinha. As atletas participam de edital para Sargento para entrarem no time. Quando há alguma transferência entre jogadoras, é o Flamengo quem arca com as taxas, assim como aluguéis de estádios.

No primeiro ano de parceria, o Flamengo foi campeão carioca e saiu na segunda fase do Campeonato Brasileiro, que estava em sua terceira edição. Em 2016, o time conquistou o título nacional, além do estadual mais uma vez. Esse último troféu se repetiu em 2017 e 2018. Antes da parceria firmada com a Marinha, entre 1995 e 2001, o Flamengo iniciou o projeto do futebol feminino, que chegou a contar com os outros grandes na disputa do Campeonato Carioca. A equipe não foi mantida em 2002 pois o Estadual parou de ser organizado. Em 2011, o departamento da modalidade voltou a ganhar espaço, em junção com a prefeitura de Guarujá, cidade no litoral de São Paulo.

No Fluminense, a solução encontrada pela diretoria foi acertar uma parceria com o projeto Daminhas da Bola, da Baixada Fluminense. Ele forneceu equipes desde o time adulto até o sub-12. As atletas da equipe principal assinaram contrato com o Fluminense e tem direito a uma bolsa-auxílio. As jogadoras da base terão apenas uma ajuda de custo. O clube disponibiliza uniforme oficial, local de treinamento, equipamentos, acompanhamento médico, fisio- rápido, nutricional, além da estrutura organizacional, como administração, assessoria de comunicação e marketing.

O Vasco funciona com uma gestão totalmente independente, em equipes de base e adulta. As jogadoras têm acesso à fisioterapia, atendimento médico, alimentação, treinos no CT Duque de Caxias e em São Januário, e ajuda de custo para transporte. De acordo com a assessoria de imprensa, existe um projeto para que as jogadoras do profissional tenham contrato de trabalho. O projeto do Vasco teve início nos anos 1990 e o clube sagrou-se campeão brasileiro em 1993, 1994, 1995 e 1998. Em 2000, surgiu Marta, considerada pela crítica esportiva como a maior jogadora de futebol da história brasileira e revelada pelo Cruz- Maltino. A modalidade foi reativada apenas em 2009, em parceria com a Marinha do Brasil. Em 2 de janeiro de 2014, como mostra o site oficial do Vasco³⁰, o clube foi

³⁰ VASCO. Futebol feminino. Disponível em: <<http://www.vasco.com.br/site/home/futebol/feminino>>. Acesso em: 05 maio. 2019

pioneiro ao criar todas as categorias de base com o Departamento de Futebol Feminino desenvolvido cinco anos antes.

O Campeonato Carioca feminino esclarece o cenário preocupante que ainda assola a modalidade. Em 2018, apenas Flamengo e Vasco participaram da edição, que aconteceu de setembro a novembro. O time de São Januário é o maior vencedor da competição.

Dos 37 jogos totais, oito foram vencidos por W.O. durante o torneio³¹. Dois deles aconteceram com o Flamengo. O primeiro, contra a Liga de Rio das Ostras/Cabo Frio, não iniciou por falta de médico no estádio, como manda o regulamento da Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro, disposto no site oficial da entidade. No segundo, contra a Liga de Volta Redonda, já nas quartas de final, o time adversário não chegou ao local, pois não tinha dinheiro para arcar com os custos da viagem. O Vasco não sofreu com este problema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O futebol feminino sofreu com uma proibição longa e desde muito tempo é tratada como algo sexual por torcedores e, especialmente, veículos esportivos. O esporte praticado por mulheres demorou até ter investimento de fato. Até o ano de 2019, inclusive, quando foi estabelecida a obrigação aos clubes da Série A do Campeonato Brasileiro, o cenário brasileiro era praticamente amador.

Este fator é constatado quando se aborda a situação dos quatro grandes clubes do Rio de Janeiro e quando é detalhado como os times estão formando as equipes para cumprir exigências da Conmebol e da CBF. Fica evidente que foi necessária uma obrigação que tivesse implicação direta nos campeonatos de futebol masculino nacionais e sul-americanos para que clubes, não só os cariocas, investissem e providenciassem a formação das equipes femininas. Até mesmo em um evento como a Copa do Mundo de futebol feminino, que é citada e se iniciou pouco depois de conclusão da pesquisa, em junho de 2019, demonstra futebol feminino é retratado ainda está longe da ideal. Principalmente considerando a mobilização feita em Copas masculinas, que leva centenas de jornalistas de todos os veículos para a cobertura.

A pesquisa teve como principal objetivo apresentar como a obrigação com relação ao futebol feminino é justificada pela história da inserção da modalidade ao longo dos anos no Brasil. A medida não teria sido implantada caso os clubes tivessem se imposto

³¹ FFERJ. Campeonato feminino adulto 2018. Disponível em: <<http://www.fferj.com.br/campeonatos?alias=13>>. Acesso em: 21 set. 2018.

desde o início para o desenvolvimento do esporte. Não à toa, em 2019 muitos times tiveram que correr para não serem punidos. Portanto, a falta de desenvolvimento explica a imposição de entidades para que o futebol feminino cresça.

REFERENCIAS

ALMEIDA, Caroline. **O Estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol: histórias e contextos do Futebol Feminino no Brasil**. Revista Fúlia: Futebol e Mulheres. v. 4, n. 1, UFMG:2019. Disponível <periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/download/14658/11856/>.

BONFIM, Aira Fernandes. **Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos : uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)**. Dissertação (mestrado) – Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. 2019. Disponível em <<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/28563>>.

CBF. **Campeonato brasileiro de futebol feminino a1 - 2019**. Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/competicoes/campeonato-brasileiro-feminino-a1>>.

FRANZINI, Fábio. **Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 25, n. 50, jul./dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882005000200012&script=sci_arttext&tlng=ES>. Acesso em: 07 mai. 2019.

FARIA JR, A.G. (1995). **Futebol, questões de gênero e coeducação: algumas considerações didáticas sob enfoque multicultural**. Revista de Campo: Futebol e Cultura Brasileira, 2, 17-39.

GARBOGGINI, Luíza. **O desenvolvimento explica a obrigação: Como as entidades fizeram com que os clubes investissem no futebol feminino**. Monografia. Facha: 2019.
GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades**. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-51, abr./jun. 2005.

SITE OFICIAL LANCE. **Lance!**. Disponível em: <<https://www.lance.com.br/>>.

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Marcia. **As narrativas sobre o futebol feminino: O discurso da mídia impressa em campo**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 26, n. 2, p. 73-86, 2005. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/011715_157.pdf>. Acesso em: 17/05/ 2019.

SALLES, J. G. C.; SILVA, M.C.P. & COSTA, M.M. (1996). A mulher e o futebol: significados históricos. Em S., Votre (Coord.) **A representação social da mulher na educação física e no esporte**. Rio de Janeiro: Editora Central da UGF.

SITE OFICIAL BOTAFOGO. **Botafogo de Futebol e Regatas**. Disponível em: <<http://botafogo.com.br/>>. Acesso em: 03 abr. 2019.

SEBRELI, Juan José. La era del fútbol. Buenos Aires: Debolsillo, 2005.

SITE OFICIAL FLAMENGO. **Clube de Regatas do Flamengo**. Disponível em: <flamengo.com.br>. Acesso em: 03 abr. 2019.

SITE OFICIAL FLUMINENSE. **Fluminense Football Club**. Disponível em: <<http://www.fluminense.com.br/site/>>. Acesso em: 03 abr. 2019.

SITE OFICIAL DO VASCO. **Club de Regatas Vasco da Gama**. Disponível em: <<http://vasco.com.br/site/>>. Acesso em: 03 abr. 2019.